

CONHECENDO A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Bruno Gomes Pereira (UFT)

brunogomespereira_30@hotmail.com

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar algumas noções elementares a respeito da teoria social abordada pela linguística sistêmico-funcional. Para isso, discutimos alguns conceitos basilares para uma abordagem introdutória, tais como a noção de contexto, a língua como instrumento sociossemiótico, bem como as metafunções da linguagem. Nossa fundamentação teórica centra-se nos pressupostos da linguística sistêmico-funcional, concebendo-a como uma possibilidade eficiente de abordagem teórico-metodológica para os estudos linguísticos contemporâneos. A metodologia de nossa pesquisa é do tipo bibliográfico, pois recorremos a Halliday e seus seguidores para a apresentação do panorama que delineamos. Compreendemos que a linguística sistêmico-funcional problematiza o uso da linguagem em domínios sociais diversos, sendo, dessa maneira, uma teoria de perfil linguístico-pragmático.

Palavras-chave:

Contexto. Gramática sistêmico-funcional. Metafunções da Linguagem.

1. Introdução

De acordo com os estudos mais contemporâneos da linguagem, a língua é um instrumento social não porque está em sociedade, mas porque a sociedade é construída a partir dela. Nesse sentido, a língua promove relações de interação entre sujeitos sociais e, com isso, sua evolução acompanha os anseios de uma sociedade em constante transformação. (Cf. HANKS, 2011)

É nesse sentido, que a linguística sistêmico-funcional se desponta como uma teoria dos estudos linguísticos pertinente às peculiaridades de um mundo pós-moderno, onde a sociedade transforma-se em uma velocidade espantosa. Assim, a linguística sistêmico-funcional é uma teoria social, antes de tudo, porque procura problematizar contextos sociais concretos do uso da linguagem, operando na interface língua e sociedade.

O interesse em discutir a respeito da linguística sistêmico-funcional surgiu durante meu curso de mestrado, no qual utilizei os princípios sistêmico-funcionais como principal abordagem teórico-metodológica para as microanálises que desenvolvi em minha dissertação. (Cf. PEREIRA, 2014a; PEREIRA, 2014b)

Esse artigo procura apresentar as noções mais elementares a respeito do núcleo gramatical da linguística sistêmico-funcional, que chamaremos aqui de gramática sistêmico-funcional.

Além dessa *Introdução*, das *Considerações finais* e das *Referências*, esse trabalho é estruturado pelas seguintes seções principais: *A língua como instrumento social: noções elementares de linguística sistêmico-funcional*; *A noção de contexto* e *Metafunções da linguagem: a gramática sistêmica*.

2. A língua como instrumento social: noções elementares de linguística sistêmico-funcional

Como dissemos na *Introdução*, a língua é um organismo vivo que tem sua evolução atrelada à evolução da sociedade. Essa premissa nos incentiva a pensar em língua enquanto instrumento de interação humana, de maneira a caracterizar o momento enunciativo.

Pensemos em um exemplo de situação cotidiana. Em uma simples ida ao supermercado, nos deparamos com situações peculiares desse momento de interação. É comum perguntarmos o preço dos produtos dispostos nas prateleiras, o valor do quilo da carne etc. Esses questionamentos solicitam respostas que pressupõem o momento da enunciação e ao enunciador correspondente. Esse uso linguístico caracteriza uma ida ao supermercado, mas não caracteriza, necessariamente, uma participação em outro evento de fala, como uma festa de formatura, por exemplo.

Assim, ao nos comunicarmos dentro de uma situação enunciativa, a língua sofre adequações de maneira a promover um diálogo pertinente entre os sujeitos que se relacionam num dado contexto. Essa comunicação, no entanto, é linguisticamente marcada por escolhas gramaticais socialmente motivadas, as quais podem nos ajudar a compreender as ideologias que passam o contexto. É nesse sentido que a gramática sistêmico-funcional nos parece uma teoria pertinente para a compreensão dos fenômenos linguísticos ocorridos no seio social.

Por isso, é possível dizer que a língua é um sistema sociosemiótico capaz de significar fenômenos ocorrentes na interface linguagem/sociedade. (Cf. HALLIDAY & HASAN, 1989; EGGINS, 2004)

Logo, é possível dizer que a linguística sistêmico-funcional se constitui por meio da relação entre sistema e função social. Dizemos que

é sistêmica, porque concebe a língua enquanto sistema capaz de construir sentidos a partir da combinação de signos de natureza verbal e não verbal que, juntos, constituem a natureza dinâmica da linguagem. E é funcional, porque admite que a língua tem uma função social que se constitui pelo princípio da interação e do diálogo (MARTIN e WHITE, 2005; EGGINS, 2004; THOMPSON, 2014; BARBARA & MACEDO, 2009; GOUVEIA, 2009; CUNHA & SOUZA, 2007, só para citar alguns).

A imagem abaixo mostra uma proposta de estratificação da língua no momento da comunicação. Trata-se de uma figura largamente utilizada em pesquisa sobre linguística sistêmico-funcional no Brasil e no exterior.

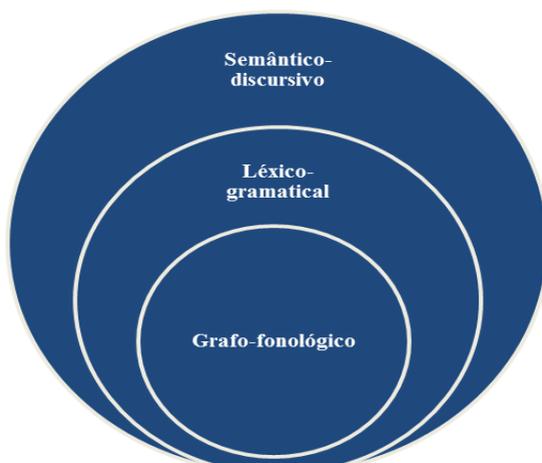


Fig. 1: Estratificação da língua.

Fonte: Traduzido e adaptado de Martin & White (2005)

A **Fig. 1** nos mostra a estratificação da língua proposta pelos estudos mais contemporâneos da linguística sistêmico-funcional. Consiste na existência de três camadas que recobrem a língua enquanto sistema.

Na camada mais interna, percebemos o nível grafo-fonológico, que corresponde à reprodução linguística do texto na modalidade escrita e/ou oral. São materializações gramaticais evidenciadas por padrões combinatórios de grafemas ou fonemas, responsáveis por constituir padrões oracionais dentro da cadeia falada. Lembramos que tais padrões oracionais são ocorrências que mudam de idioma para idioma, pois cada um deles apresenta especificidades sintáticas e morfológicas.

O nível intermediário, o da léxico-gramática, se preocupa justamente com seqüências gramaticais maiores, na qual a combinação entre palavras ocorre mais extensamente de maneira a formar padrões gramaticais verbais e/ou nominais. As escolhas lexicais e gramaticais ajudam a construir o sentido do enunciado linguístico, caracterizando as especificidades do gênero textual realizado. Não é nossa intenção apresentarmos considerações exaustivas a respeito do gênero na linguística sistêmico-funcional. Para maiores considerações, consultar os trabalhos de Halliday & Hasan (2006), Silva (2014), Silva & Espíndola (2013) e Motta-Roth (2013).

O nível mais externo, o semântico-discursivo, problematiza questões extratextuais que colaboram para a construção dos níveis textuais. Isto é, trata-se do meio externo à língua que, ao atribuir ideologias e intenções comunicativas provindas da cultura de onde opera, motiva as escolhas lexicais e gramaticais na produção dos textos.

Esta seção consiste apenas na apresentação dos princípios mais elementares da linguística sistêmico-funcional, não sendo nossa intenção, portanto, fazermos uma exaustiva explanação teórica. Para maiores informações, consultar Silva (2012), Silva & Pereira (2013), Pereira & Silva (2014) e Fuzer & Cabral (2010), entre outros.

3. *A noção de contexto*

Desde o início desse artigo, estamos dizendo que a linguística sistêmico-funcional é uma teoria linguística e, além disso, também social. Por isso, é uma abordagem, sobretudo, pragmática, pois considera o contexto como motivador de escolhas léxico-gramaticais que se realizam na superfície do texto. Entretanto, definir contexto em linguística sistêmico-funcional não é uma tarefa fácil, tendo em vista que ainda agora não apresenta um conceito fixo.

Devido às diversas forças ideológicas que infesta o mundo moderno, a definição do termo *contexto* mostra-se tão complexo quanto a própria sociedade. O clássico conceito de que contexto é o que está fora do texto mostra-se falho e muito simplista aqui, pois parecem não abarcar todas as especificidades enunciativas propostas pela linguística sistêmico-funcional.

A **Fig. 2** sintetiza a visão sobre conceito problematizado pelos estudos sistêmicos e funcionais.

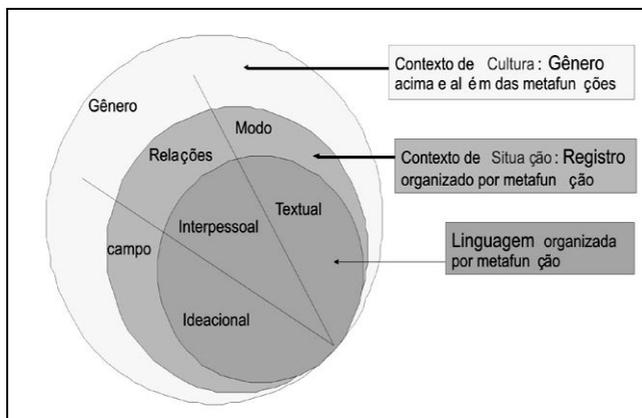


Fig. 2: Contexto de cultura e contexto de situação. Fonte: Barbara e Macedo (2009)

A **Fig. 2** é célebre nos estudos da linguística sistêmico-funcional. Trata-se da apresentação do contexto de cultura e do contexto de situação. É uma imagem utilizada por Barbara & Macedo (2009).

O contexto de cultura é representado pela circunferência maior. É o contexto em que é possível considerarmos as relações culturais, sociais e econômicas como princípios balizantes na motivação das escolhas lexicais e gramaticais que serão mobilizadas logo mais, no contexto de situação.

Trata-se, portanto, de algo muito complexo para se definir. Muitos pesquisadores da antropologia e da sociologia também se debruçam sobre essas noções sobre o contexto de cultura, uma vez que isso também nos faz repensar sobre o que estamos chamando de cultura em uma sociedade pós-moderna. São forças de todos os tipos e intensidades que se misturam e formam uma espécie mosaico antropológico capaz de problematizar qualquer definição pré-estipulada em estudos próximos aos que a linguística sistêmico-funcional procura desenvolver.

Revisitando a **Fig. 2**, percebemos que o contexto de cultura é o contexto do gênero, que se manifesta por intermédio das três metafunções da linguagem, as quais serão mais discutidas na próxima seção.

O contexto de situação, representado na imagem pela circunferência menor, em relação ao contexto de cultura, é o momento da realização do registro através da relação entre as três metafunções. A definição de registro que trazemos para esta abordagem é baseada em Thompson, que o considera como a materialização do gênero por meio de intervenções

de ordem gramatical e lexical que se combinam e realizam padrões gramaticais. (Cf. THOMPSON, 2014).

Portanto, o contexto de situação é o contexto mais imediato do uso linguístico, responsável pela realização do gênero em si, oferecendo condições circunstanciais para a produção do texto.

Por fim, voltamos a afirmar que as definições para contexto de cultura e para contexto de situação que apresentamos aqui são de caráter metodológico, tendo em vista que não é possível afirmar precisamente o alcance de exato de cada um deles, dada a realidade fluida com a qual a sociedade se desenha face a uma era pós-moderna.

4. Metafunções da linguagem: a gramática sistêmica

Reportamo-nos novamente à **Fig. 2**, mais precisamente ao contexto de situação, onde, conforme a imagem, há a combinação das metafunções da linguagem formando, assim, o registro. Trata-se de uma visão de cunho mais gramatical, pois se atém à construção de padrões oracionais que estruturam o gênero textual. Por isso, preferimos utilizar, a partir de agora, o termo gramática sistêmico-funcional, em detrimento de linguística sistêmico-funcional, pois nos ateremos unicamente ao plano gramatical da teoria que ora apresentamos.

As metafunções são manifestações gramaticais que tem como ponto de análise a compreensão da oração como elemento originário pela combinação de grupos gramaticais menores (Cf. HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004; HALLIDAY & MATHIESSEN, 2014; THOMPSON, 2014; EGGINS, 2004; só para citar alguns). Cada metafunção se centraliza em uma dada variável de contexto, conforme veremos mais adiante.

Embora cada metafunção perceba a oração sob aspectos diferentes, não podemos supô-las separadamente, pois a realização do registro depende da relação estabelecida gramaticalmente pelas três.

O **Quadro 1** faz um panorama sobre as metafunções da linguagem em Halliday. O esquema é constituído pelas variáveis de contexto, as metafunções e as realizações léxico-gramaticais com as quais se relacionam.

Variáveis de Contexto	Metafunções	Realizações Léxico-Gramaticais
Campo	Ideacional	Transitividade
Relações	Interpessoal	Modo e Modalidade
Modo	Textual	Tema e Rema

Quadro 1: Metafunções da linguagem. Fonte: Barbara e Macedo (2009)

Conforme o **Quadro 1**, temos três variáveis de contexto. Cada uma delas serve como ponto motivador para a criação de uma metafunção da linguagem em específico. Além disso, o esquema acima também apresenta as três diferentes maneiras com as quais as metafunções concebem a oração nos estudos da gramática sistêmico-funcional. Nas seções seguintes, falaremos um pouco mais sobre cada uma dessas metafunções.

4.1. Metafunção ideacional

A metafunção ideacional foca na variável de campo e a concebe a oração enquanto representação do mundo. Ou seja, por meio da oração, é possível representarmos pessoas, objetos, lugares e todos os tipos de sujeitos socialmente engajados.

Segundo Halliday (1994), esta metafunção materializa-se por meio do sistema gramatical de transitividade. Esta, por sua vez, é entendida, na gramática sistêmico-funcional, como uma sucessão de relações semântico-pragmáticas estabelecidas entre termos gramaticais menores, formadores dos sintagmas verbais e nominais.

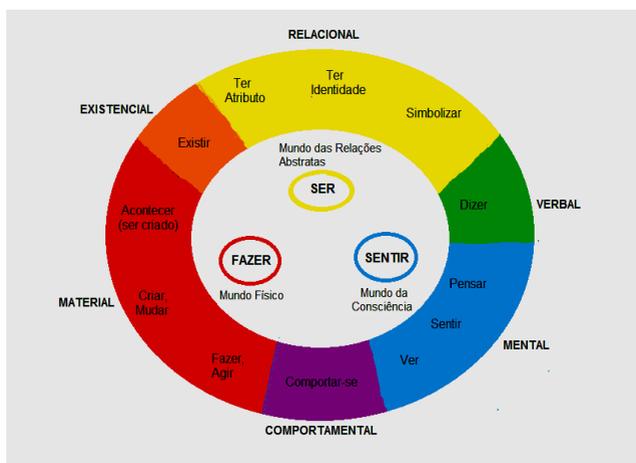


Fig. 3: Tipos de Processos. Fonte: Pereira (2014)

O mecanismo de transitividade é constituído, portanto, pela relação entre determinante, processo e circunstância. Dentre estes, ilustraremos na **Fig. 3** os tipos de processo na gramática sistêmico-funcional.

A **Fig. 3** pode ser encontrada na pesquisa de Pereira (2014), desenvolvida em uma pesquisa de mestrado. Entretanto, trata-se de uma tradução em Halliday (1994) e Halliday e Mathiessen (2004).

Identificamos os seis tipos de processos em cores diferentes, para fins metodológicos. Porém, na verdade, a ideia de processo obedece à organicidade semântica do elemento linguístico, ou seja, o tipo de processo só pode ser identificado se levarmos em conta o contexto em que o uso gramatical ocorre.

Os processos relacionais, identificados pela cor amarela, obedecem à ordem do ser, ou seja, indicam estados do sujeito social em diferentes aspectos; os processos verbais, de cor verde, são da ordem do dizer, isto é, consistem em verbalizações ocorridas em situações de fala durante a interação; os processos mentais, identificados pela cor azul, caracterizam ações mentais, que ocorrem no interior da mente de quem escreve ou fala; os processos comportamentais sugerem ações relativas ao comportamento humano; os processos materiais são ações da ordem do fazer e do criar, sendo, portanto, os processos mais recorrentes da Língua Portuguesa; e os processos existenciais, os quais obedecem à ordem do existir.

4.2. Metafunção interpessoal

De acordo com o **Quadro 1**, a metafunção interpessoal está centrada na variável de relações e é realizada gramaticalmente pelo sistema de modo e modalidade.

É uma metafunção que entende a oração como troca, uma vez que compreende uma relação diálogo como interação motivadora para as escolhas linguísticas.

A metafunção interpessoal interpreta as manifestações interacionais dos participantes como mecanismos explicitadores de intenção, ou seja, no momento da comunicação, os participantes utiliza certos marcadores metadiscursivos capazes de nos levar à compreensão da relação estabelecida entre enunciadores. (Cf. BARBARA E MACEDO, 2009)

4.3. Metafunção textual

A metafunção textual está centrada na variante de modo e é gramaticalmente realizada pelos mecanismos de tema e rema, conforme é possível perceber no **Quadro 1**.

Esta é uma metafunção que estuda a oração enquanto mensagem, ou seja, enquanto enunciado linguístico estruturado pelos princípios de coerência e coesão textuais. Por isso, alguns teóricos preferem estudar a metafunção textual como um tipo de metafunção diluída nas anteriores, pois a construção do texto é, de alguma forma, perpassada por todas as metafunções.

Do ponto de vista linguístico, podemos sintetizar *tema* como a informação nova e o *rema* como a informação velha. Em outras palavras, no momento da produção do texto, as orações são compostas por um grupo gramatical, geralmente o primeiro grupo experiencial da oração, que consiste no tema, uma informação nova que guiará semanticamente o restante da oração. O rema seria o grupo experiencial posterior responsável por, semanticamente, desenvolver a ideia introduzida pelo rema.

O movimento coesivo estabelecido entre tema e rema proporciona a progressão do texto, de maneira a se estruturar por movimentos de retomada e/ou projeção de ideias na superfície do texto.

5. Considerações finais

Este trabalho apresentou as questões mais elementares para se entender os meandros científicos da linguística sistêmico-funcional, ou mais precisamente da gramática sistêmico-funcional. Vimos que trabalhar com os princípios sistêmicos e funcionais da abordagem que apresentamos aqui é nos reportar a um contexto social mais amplo, de maneira a extrapolar as barreiras puramente textuais.

Em suma, esperamos que os estudos em linguística sistêmico-funcional no Brasil, que se mostram muito presentes desde o início da década de 80 do século passado, possam ser ainda mais motivados e, com isso, surjam muitas pesquisas no âmbito nacional que utilizem a linguística sistêmico-funcional como norteadora para as práticas linguístico-discursivas em diversos domínios sociais.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBARA, L.; MACÊDO, C. M. M. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso: um panorama introdutório. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Brasília: UnB/PPGL, n. 10, vol. 1, p. 89-107, 2009.
- CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London: Continuum, 2004.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, 2010.
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*. Rio de Janeiro: UERJ/PPGL, vol. 16, n. 16, p. 13-47, 2009.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text; aspects of language in social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- _____; _____. Retrospective on SFL and Literacy. In: WHITTAKER, R.; O'DONNELL, M.; McCABE, A. (Eds.). *Language and Literacy: Functional Approaches*. London: Continuum, 2006, p. 15-44.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 2004.
- _____; _____. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Organização: Ana Christina Bentes, Renato C. Rezende e Marco Antônio Rosa Machado. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gênero. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2011, p. 153-173.

PEREIRA, B. G. *Autorrepresentações de alunos-mestre em licenciaturas paraenses: um estudo sistêmico-funcional*. 1. ed. Pará de Minas: VirtualBooks, 2014a.

_____. *Professores em formação inicial no gênero relatório de estágio supervisionado: um estudo em licenciaturas paraenses*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura). – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2014b.

_____; SILVA, W. R. Professores em formação inicial na escrita reflexiva profissional: abordagem sistêmico-funcional na linguística aplicada. *Raído*, Dourados: UFGD, vol. 8, n. 16, p. 223-242, 2014.

SILVA, W. R. *Reflexão pela escrita no estágio supervisionado da licenciatura: pesquisa em linguística aplicada*. Campinas: Pontes, 2014.

_____. (Org.). *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no estágio supervisionado da licenciatura*. Campinas: Pontes, 2012.

_____; ESPINDOLA, E. Afinal, o que é gênero textual na linguística sistêmico-funcional. *Revista Anpoll*. Florianópolis, nº 34, p. 259-307, 2013.

_____; PEREIRA, B. G. Letramento acadêmico no estágio supervisionado da licenciatura. *Raído*, Dourados: UFGD, vol. 7, n. 13, p. 37-60, 2013.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. 3. ed. London: Routledge, 2014.